

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 13 DE MARÇO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 63.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
As sociedades de corridas e as poulas.....	L. M. BASTOS.
Os teus olhares.....	H. MAGALHÃES.
O maior sonet sia francez	V. MAGALHÃES.
O Volapuk.....	ARARIPE JUNIOR.
A vida elegante.....	LORGNON.
Bellas Artes.....	A. PALHEIRA.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Theatros.....	P. TALMA.
Contos a premio.....	
Colre das graças.....	BIBIANO.
Jornaes e revistas.....	M. VALENTE.
Receitas culnariarias.....	GARRION.
Recebemos.....	
Tratos à bola.....	FR. ANTONIO.
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

GERENTE

F. D'ALMEIDA

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

HISTORIA DOS SETE DIAS

CARNAVAL

O deslumbrante carnaval do Rio de Janeiro, ha quatro annos supplantado e vencido pelo entrudo grosseiro e pullha, parece querer voltar ao seu antigo esplendor.

Effectivamente o carnaval d'este anno esteve muito superior aos dos tres ultimos annos. Os brutalissimos limões de cheiro, brinquedo barbaro e pernicioso, acossados pela policia, refugiaram-se para os arrabaldes, e ahi mesmo appareceram em pequena quantidade. Reinou a bisnaga nas ruas principaes e um ou outro limão que appareceu vi-

nhu envergonhado de tristissimo papel que representava quem o jogava.

Para este bom resultado concorreram muito as medidas tomadas pelo Sr. Dr. Coelho Bastos e o pedido que a Junta de Hygiene dirigio á população.

As ruas por onde haviam de passar as sociedades carnavalescas enfeitaram-se gallardamente, alfombrando-se de folhas de mangueira e illuminando-se á noite, menos com os arcos de gaz do que com os formosos olhos das moças fluminenses.

No domingo apenas sahiram as sociedades *Congresso dos Socialistas e Progressistas da Cidade Nova*. Levam alguns carros de critica executados com felicidade e muitos socios fantasiados com riqueza e gosto.

Brillhou a *Estudiantina de Salamanca*, tocando e cantando com muita correção grande numero de peças hespanholas que o publico applaudia ruidosamente.

Um grupo de rapazes, na maior parte coristas dos nossos theatros, tambem cantou e dançou em frente ás redacções dos jornaes o bellissimo *Jongo dos sezaenarijos, da Mulher-Homem*.

Houve alguns mascaras avulsos fantasiados com espirito, grande quantidade de princezes mudos, e muitissimos dominós.

A terça-feira é que, como sempre, foi o grande dia, o mais animado e concorrido. Muitas familias moradoras nos arrabaldes esperam pelo terceiro dia para virem á cidade ver o carnaval, por serem geral no terceiro dia que se apresentam as sociedades de primeira ordem, que são, afinal de contas, o encanto das festas carnavalescas.

Neste anno sahiram duas sociedades — *Os Democraticos* e os *Fenianos*.

Os Democraticos passaram primeiro pela rua do Ouvidor. Iam verdadeiramente deslumbrantes aquelles alegres e delicados foliões. Isso, porém, a ninguém espantou, porque sempre que os endiabrados Democraticos se apresentam em publico, fazem-no tão brillantemente, com tanta graça e bom gosto, que deixam na sombra quasi todas as outras sociedades. Assim aconteceu d'esta vez. A palma da victoria coube ainda este anno, incontestavelmente, aos Democraticos. Poucas vezes elles se têm apresentado com tamanha e tão notavel superioridade. E' desnecessario, para nós que tractamos tarde do assumpto, fazer a enumeração e descripção parcial das criticas, allusões e allegorias do brillante prestito d'esta sociedade. Notaremos apenas a maneira felicissima e completa porque foram tratadas as questões das barraquinhas do Mercado e dos vinhos falsificados.

Não se poderia exigir mais graça e mais espirito. Aquelles burricos carregados de hortaliças de todo o genero, o carro do pepino, o barco de Paquetá com os hortaliçeiros vestidos a caracter, eram de um effeito extraordinariamente hilariante. O que tambem revellou o refinado bom gosto dos Democraticos foram os carros allegoricos, principal-

mente o que representava um vaso de amores-perfeitos, todo cheio d'aquellas bellas flores, dominadas por um *amor-perfeito* animado, representado por uma formosa morena de grandes olhos pretos.

Bellissimo tambem o carro de Juno, tirado por dois perús, idéa graciosa e allusão delicada, visto que a deusa era representada por uma formosissima peruana de riso divino e um par de olhos negros como a noite, grandes e brillantes como duas estrellas, olhos que obrigaram o Corpo de Bombeiros a estar de promptidão, por se temer que de um momento para outro elles incendiassem a cidade, como iam incendiando os corações. Juno deve ter ficado satisfeitissima no Olympo por ter sido representada na terra por uma rapariga ainda mais formosa do que ella, pobre deusa ciumenta, que para reter o seu Jupiter nunca descobrio o segredo d'aquelle sorriso, a alvura d'aquelles dentes e o fogo negro d'aquelles olhos!

Muito graciosos tambem o *Lago encantado*, onde num pequeno barco se ostentava uma bella feiticeira com um barqueiro muito gentil e muito bem vestido; — e *Essencialmente agricola*, um grande ananaz, em cuja rama uma bella cigana rufiava animadamente um adufe.

Completava as allegorias uma imponente *Apotheose á Liberdade*: Sobre um magnifico pedestal sentava-se uma soberba mulher, vestida com o traje caracteristico da Republica, com um barrete phrigio sobre a bella cabeça que atirava sobre as espaduas uma pesada nuvem de cabellos pretos.

Tal foi o magnifico e deslumbrante prestito dos famosos Democraticos que se podem gabar este anno da mais estrondosa victoria.

Em seguida passaram os Fenianos, cujo prestito começava por um esplendido carro, representando uma grossa columna de prata, sobre a qual ia um socio soberbamente vestido de *Lohengrin*, empunhando o glorioso estandarte do Club. A' volta d'esta columna gyravam todas as loterias do Imperio, esmagando o Commercio, a Industria, a Agricultura, a Arte e a Sciencia. E' um dos mais bellos carros que temos visto em carnaval. Seguiam-se a este muitos carros allusivos a acontecimentos do anno, alguns tractados com graça, como o da *Juncta do Couce*. Não comprehendemos a allusão ás revistas do anno: Um enorme principe Obá e uma conhecida parteira representavam o primeiro — *O Bilontra* e a segunda — *A Mulher-Homem*; mas cumpre notar que o principe Obá não entra na espiituosa revista de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, mas sim na *Mulher-Homem*. Emfim, elles que assim o fizeram é porque lá teriam as suas razões. Das algibeiras d'estes dois personagens sahiram os quatro auctores das duas revistas — falando ás massas.

Duas idéas prejudicaram altamente o brillantismo do prestito dos Fenianos: uma allusiva ao Sr. José do Patrocínio e outra allusiva á Perseve-

rança Brasileira e ás caixas libertadoras.

Um jornalista como o nosso collega da *Gazeta da Tarde* está sempre acima das offensas que lhe queiram fazer sociedades carnavalescas; mas a allusão era tão injusta, tão grosseira, tão baixa que deve ter indignado mesmo os inimigos do notavel batalhador da liberdade dos escravos. O outro carro, allusivo ás caixas libertadora, sera simplesmente vil e indigno de rapazes que se presem; encerrava uma injuria torpissima, que ninguem tem o direito de lancar ás associações que tanto trabalham por lavar do solo d'este paiz a negra nodosa da escravidão.

Muito estranhámos que os nossos collegas da imprensa diaria não hajam profligado estas duas revoltantes allusões, como reclamava a solidariedade da imprensa.

Não seremos nós quem se esqueça d'esse dever e o nosso vehemente protesto ali fica lavrado com a maior indignação.

Magnificos, sumptuosos, os bailes das das sociedades carnavalescas. Tenentes, Democraticos e Politicos esmeraram-se este anno nos adornos dos seus salões, que estavam realmente fericos. Houve *fantasias* riquissimas, de muito bom gosto e algumas de muito espirito. Em todos os tres clubs appareceram mascaradas scintillantes, que trouxeram numa roda viva os socios e os convidados.

E' incrível e inenarravel a alegria dos bailes carnavalescos nas sociedades: atravez do brilho opalino do *champagne*, radium os sorrisos das filhas da Loucura, e ao estalar das garrafas e ao tinir das taças de cristal misturam-se as gargalhadas argentinas e vibrantes das Evas d'aquelles Paraisos.

Nos Tenentes deu-se entre um bello dominó e o nosso intimo amigo F. um episodio galante, digno da chronica.

F. conversava numa roda de amigos quando a elle se dirigio o dominó, pelo braço de um distincto homem de letras, e o cumprimentou espiritualmente.

Do rosto do dominó apenas se podiam ver os formosos olhos azues, porque a bocca e o mento eram cuidadosamente occultos pelo leque. As mãos, pequenissimas, estavam calçadas por justissimas luvas cor de creme. F., parecendo-lhe reconhecer a dama, disse-lhe que só a *mataria* em verso—e escreveu-lhe a seguinte quadra:

« O que em vós se vê, senhora,
Revela serdes tão bella,
Que, se vos não sois a *Aurora*,
Deveis ser parenta d'ella. »

Não acertara o nosso amigo.

A incognita, depois de o trocar com muita graça, pediu o papel e o lapis, e escreveu:

« Tu dizes que eu sou *Aurora*;
Nisto vae engano ou dolo.
Eu é que posso affirmar
Que és pelo menos *Apollo*. »

Continuou o tiroteio. F. respondeu:

« Se vós me chamaes *Apollo*,
Vossas chufas nisto parem:
Não acho no *Olympo* grego
Deusas que se vos comparem. »

E o dominó:

« Sim, senhor! Bonitos versos!
Não julgue agora que minto...
Só pode escrever assim
Camões, Bocage ou Filinto. »(*)

(*) Referia-se, sem duvida, a Francisco Manoel, na Arcadia—Filinto Elysis.

F. Esta quadra, porém, foi escripta quando o dominó, sempre acompanhado pelo cavalheiro, já estava á meza da ceia. Esquecera-se de occultar a formosa bocca, e, como não pode haver num baile duas boccas como aquella, o dominó foi reconhecido. Então F., triumphante, escreveu:

« Vossa bondade conceda
Que um vate vos chame *Joia*.
Filha de Tyndaro e Leda—
Foi so por vos que ardeu Troia! »

Esava morto o mascara e realizado o talvez mais interessante episodio d'este carnaval.

No baile dos *Tenentes* havia fantasias de um luxo oriental, e *toilettes* riquissimas. Foi unanimemente proclamada rainha do baile de terça-feira uma deslumbrante turca, *signora* H. L., uma clara, alta, de enormes olhos verdes rasgados, de largas espaldas alvissimas e cintura de vespa, cabeça correctissima e collo esplendido. Trajava um bello vestido de setim preto, com rendas e vidrilhos, e corpette decotado, sem mangas, deixando ver os dois braços admiraveis, que serviriam de modelo a um esculptor que tentasse restaurar a *Venus de Milo*. Soberba e fascinadora creatura!

Houve tambem bailes á fantasia em todos os theatros, sendo para notar o do theatro S. Pedro de Alcantara pelo luxo, pela concurrencia e pelo esplendor da ornamentação.

Tal foi o Carnaval de 1886, que se não foi tão luxuoso e brilhante como os antigos, foi um dos melhores que ultimamente se têm feito, e dá-nos direito a esperar para o anno proximo um carnaval sumptuoso e extraordinario.

Assim seja.

FILINDAL

As sociedades de corridas e as poules

Só a maior ignorancia fará com que haja quem não veja e não reconheça, que a prosperidade em que se acha a criação de cavallos de sangue em varias provincias do Brazil, o exclusivo resultado dos serviços importantes que a essa mesma industria, têm prestado as nossas sociedades de corridas.

Se alguma devemos exceptuar é o chamado Prado Guarany que indubitavelmente apenas constituiu-se para desmoralisar os beneficos esforços de todas as outras.

Na verdade, ninguem soube nem sabe quaes foram os socios, quaes os estatutos, quaes os serviços daquelle celebre Guarany. Pelo contrario, é publico e notorio, que o Sr. Dr. Costa Ferraz, apresentando-se como presidente, accumulava os cargos de secretario, thesoureiro, juiz de pezagem, juiz de partida, juiz de chegada, arbitro em summa dessa escandalosa roleta, cujo producto ninguem sabe por onde se repartio.

Foi preciso que o povo, no meio do maior tumulto e indignação, resolvesse, arrancando a cerca e estragando o tal *marixe*, lavar a postura de que o Prado Guarany estava extinto e desempregados os que viviam á custa de suas falsas *poules*.

Com o maior pasmo vimos que na Camara Municipal, o mesmo Sr. Dr. Costa Ferraz, fundador e membro do conselho do Jockey-Club apresentou uma postura que não só seria a ruina desse Jockey-Club, do Derby, do Prado

Villa Izabel, mas tambem é um gratuito insulto atirado a todas as sociedades sérias de corridas, no seio das quaes figuram cavalheiros distinctos, pessoas gralas e honestos cidadãos.

Na verdade, querer acabar com a *poule*, quando é esta que tem sustentado todos os progressos da industria de criação cavallar no paiz, é confundir a *poule* do celebre Prado Guarany, cuja porcentagem entrava em bolsinhos invisiveis, com a *poule* das sociedades constituidas e que têm permitido a sustentação de premios cada vez mais importantes, e dos quaes têm dependido as numerosas acquisições de todos os animaes estrangeiros puros sangues que têm sido importados de ha dez annos para cá.

Em todos os paizes civilizados as suas grandes cidades contam varios hippodromos e é sabido que o Governo e a Municipalidade, em vez de pretender mata-los, conferem avultados premios com o fim de animar a industria pastoril. So aqui no Rio de Janeiro o Sr. Dr. Costa Ferraz (que bem conhece esse assumpto) onsa, despeitado pela extincção do velho Guarany, embarçar os grandes serviços d'aquellas distinctas sociedades.

Isto não é uma brincadeira e hoje que avultados capitaes estão collocados nessa importante industria, não é de esperar que pequeninas represalias consigam com promettel-os.

Acha-se felizmente na pasta da Agricultura o talentoso, illustrado e muito competente conselheiro Antonio Prado, um dos mais importantes criadores de S. Paulo, e que não consentirá na ruina com que ameaçam as nossas sociedades de corridas.

Nesta questão os mal intencionados sempre procuram desconcertar os que pensam com calma, observando que é preciso acabar com o jogo. Se a postura do Sr. Dr. Costa Ferraz isso conseguisse, seriamos o primeiro a apertar-lhe a mão e esperaríamos uma nova aurora, acabando-se de uma vez com as loterias, casas de roletas, *barraquinhas do Campo*, etc., etc. Mas tudo isso é um sonho: nenhum governo tem força para prohibir o popular divertimento de corridas. Desde que o povo ali se apresente ha de fazer as suas apostas, ha de jogar do mesmo modo; so desse jogo nenhum beneficio resultará para a importante industria que em tão adiantado ponto se acha.

O verdadeiro, pois, é manter-se o direito da casa das apostas nas sociedades perfeitamente constituidas e destinadas ao apuramento da raça cavallar. Nas sociedades de corridas a pé, nas de regatas, nas *barraquinhas do Campo*, etc., etc., a postura prestaria serviços, visto que ninguem pode seriamente confundir o fim d'estas com o d'aquellas benemeritas sociedades.

Se por qualquer circumstancia o Governo, não attendendo aos beneficos prestados por essas associações bem constituidas, baixar a manutenção dessa penosa e fatal postura, ellas terão que, inevitavelmente, soffrer uma liquidação immediata. Seria bem triste que essas sociedades como o Jockey-Club, Derby-Club, Prado Villa Izabel e outras, que têm empatado grandes capitaes, com grandes sacrificios, e baseados em mera iniciativa particular, venham a ser aniquiladas por uma *simples e insultuosa postura*, redigida por um vereador que não soube collocar-se, ao menos por coherencia de principios, na altura em que toda a sinceridade e gratidão o deveriam distinguir.

Os criadores e proprietarios, esses, que a todo o momento esperavam ver os seus sacrificios e grandes esforços pelo melhoramento da raça cavallar,

coroados pelo Governo e pela Municipalidade tiveram como recompensa aquella *vergonhosa postura*, que importa, nada menos que o completo desaparecimento de todas as sociedades de corridas.

Não podemos crer, que o governo tendo questões de tão grande importância, e estudar e resolver com calma e com o devido cuidado, como sejam as do Elemento Servil, as da Reforma Judiciaria, as das Correntes de Emigração, as do Territorio das Missões, as das Redes de Estradas de Ferro, as da Igreja e do Estado, as das Finanças e etc. etc. tenham vir inesperadamente tolher e embargar a prosperidade, o progresso de *associações perfeitamente constituídas, moralizadas e administradas* por cavalheiros honestos e bastante independentes.

Terminando, pois, aproveitamos a occasião para ainda uma vez fazer um appello a todas as dignas directorias e a todos os dignos proprietários: fujam de conchavos, de decisões injustas, elevem o divertimento á sua verdadeira utilidade. So assim poderão contribuir para acelerar aquella importante industria, proporcionando ao publico excellentes diversões verdadeiramente eguaes ás de Londres e Pariz.

L. M. BASTOS

OS TEUS OLHARES

Em te vendo o goso é tanto,
E' tal o goso em te ouvindo,
Que em vez de rir, quasi o pranto
Verto dos olhos. Sentindo

De ten olhar, que enlouquece,
A chamma captivadora,
Meu coração esmorece
E rola a tens pés, senhora.

Como esse olhar me perturba!
As tuas pupilas pretas,
Valem mais que toda a turba
Dos rutilantes planetas!...

Têm voz, mas voz que extasia!
Têm arreboes e alvoradas
É toda a grata magia
Das noites enluaradas.

Os teus, destruindo a calma
Aos meus olhares tristonhos,
Vem conversar com minh'alma,
Diluvia-la de sonhos!

Não ha mais remedio agora...
Pois ardo, mulher divina,
Numa paixão que devora,
Num amor que desatina!

Nada fará que se acabe
Esta paixão desabrida!
Talvez não me ames... quem sabe?!
Mas eu, amo-te, querida,

Com tal Ego, que o mais forte
Despreso, archanjo dilecto,
Talvez possa dar-me a morte,
Mas não matar este affecto!

Chamma que, p'ra alimentar-se,
Não precisa d'outra chamma...
Que ha de explosir e elevar-se
Mesmo sob o mar que brama!...

Sinto o coração febreuto!
Ai! ver-te essa face pura,
Não é prazer: é tormento,
Não é tormento: é loucura!

No chão, vê-se te sepultas,
Sebe aos céos ou baixa aos mares,
Que, nem mesmo assim, te occultas
Aos meus sedentos olhares.

Quando meu labio procura
Cobrir d'oscuros ardentes
O teu, foges... Que tortura!
Mas, que importa que te ausentes,

Amor? Se a to lo o momento,
Mesmo quando te não vejo, —
Beija-te o meu pensamento,
Abraça-te o meu desejo?!

Quiz occultar bem no imo
Do peito, o amor que me mata;
Quiz ser surdo ao doce mimo
Da tua voz, que arrebatá;

Fugir-te; — se é que se alcança
Fugir ao sonho, fugir
Ao sol, fugir á esperanza
Fugir á flor, ao porvir;

A tudo quanto ha no mundo,
Quanto ha nos céos e nos mares
De sublime e de profundo,
Mas... quem foge aos teus olhares?

Quem... não delira, não sente
O venlaval dos desejos,
A enorme borrasca ardente
Do amor, — que aneia por beijos, —

Rugir dentro em si, ao echo
De tua voz — sacra harmonia?
Ninguem, meu anjo; se pecco
Em te amar, quem deixaria

De assim peccar? Pois se eu vejo
Que o céu brilha em tua frente!...
Quem no labio der-te um beijo,
Terá transposto o horizonte,

Por traz do qual os luares
Fulguram... por traz do qual
Da alvorada os nenuphares
Enchem Deus de luz irrial!

Vés, meu doce amor? Que aneiros!
Quero... — escuta por quem és: —
Viver de amor em tens seios,
E morrer de amor a tens pés!

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Rio, 27 de Outubro de 1885.

O MAIOR SONETISTA FRANCEZ

Não é Laconte de Lisle, o impecavel escultor do puro verso francez, o impassível sonhador do Passado, o poeta

dos Tempos e dos Astros mortos, o grande cantor dos *Poemas barbaros* e dos *Poemas antigos*; não é Theodore de Banville, o pelotiqueno maravilhoso dos rythmos, o metrificador exímio que faz jôgos malabares com os metros e deslocacões assombrosas com os hemistichios, o parnasiano caprichoso das *Odes juvambulescas*, o idolatra da Rima; não é tampouco François Coppée, o grandioso poeta dos humildes, o sublime cantor da Simplicidade e da Pureza e do Sacrificio, o glorioso continuador da immensa obra de Victor Hugo; não é Richépin, nem Rollinat, nem Sully-Prudhomme, nem Clovis Hugues, nem Des Essarts, nem Armand Silvestre, nem Catulle Mendès.

O maior sonetista francez é José Maria de Heredia (Jér José Maria de Heredia, para que se o não julgue algum patricio nosso.)

E' poeta pouco lido entre nos, mesmo porque não tem escripto muito, não sendo na propria França o seu nome dos mais conhecidos.

Tem publico pouca coisa, sendo sua maior obra a traducção em verso da *Veridica historia da conquista da Nova Hespanha* pelo capitão Bernal Diaz del Castillo (4 vols. Lemerre.)

E' um poeta «a um tempo quasi inédito e quasi celebre», como diz Jules Lemaitre no soberbo estudo critico que lhe dedicou em o n. 25 do anno passado da *Revue Bleue*.

De Heredia está ha muito tempo promettido um volume de sonetos: — *Trophéus*.

Theophilo Gautier disse-lhe uma vez: «Heredia, eu gosto de ti porque tens um nome sonoro e exotico e porque fazes versos flexiveis como lambrequins heraldicos.»

«O que principalmente distingue Heredia — escreve Lemaitre — é a procura da extrema precisão no extremo esplendor. Elle juntava á ebriedade dos sons e das cores o gosto de uma forma cuja brevidade, exactidão e plenitude lembrassem de alguma sorte os nossos escriptores classicos. Sonhava um mundo de imaginação num limitado numero de versos, absolutamente perfectos; queria encerrar os sonhos de um deus em pequenas copas delicadamente esculpidas. Por isso foi que a forma do soneto — que exige a sobriedade e quasi tambem a perfeição — que não tem o direito de ser mais ou menos bom, mas que deve ser soberbo ou primoroso (*exquis*), sob pena de deixar de ser — foi por isso que a forma do soneto se luzio e impoz-se a Heredia. É de facto elle não tem feito mais que sonetos, e é, seguramente, com o poeta das *Epreuves*, e em um genero inteiramente diverso, o nosso maior sonetista.»

«Estes sonetos — continua o summo critico — que, como todos os sonetos, apenas têm quatorze versos, mas que contém tantas cousas como se tivessem não quatorze mas sessenta versos, — são combinações sabias, subteis, complicadas, com artificios e segredos que a principio nem se podem suspeitar.»

Em seguida classifica-os em tres grupos: primeiro, os de pura descripção, paisagens bretons, japonezas etc., ao segundo pertencem os sonetos mythologicos; o terceiro grupo contém os sonetos inspirados pela prodigiosa historia dos conquistadores da America.

Na impossibilidade de acompanharmos o illustre critico em todo o seu admiravel estudo, passamos a trasladar para as nossas paginas dois dos mais bellos sonetos do maravilhoso poeta.

Primeiramente o delicioso soneto, a pequena obra-prima que se intitula

RECIF DE CORAIL

Le soleil, sous la mer, mystérieuse aurore,
Et claire la forêt des coraux abyssins,
Qui mêle, aux profondeurs de ses tièdes bassins,
La bête épanouie et la vivante flore.

Et tout ce que le sel ou l'iode colore,
Mousse, algue chevelue, anémones, oursines,
Couvre de pourpre sombre, en somptueux bassins,
Le fond vermiculé du pâle madrépore.

De sa splendide écaille éteignant les émaux,
Un grand poisson navigue à travers les ramaux,
Dans l'ombre transparente indolument il rade.

Et brusquement, d'un coup de sa nageoire
En feu,
Il fait daos le cristal morne, immobile et bien
Courir un frisson d'or, de nacre et d'éméraude.

Não creio que o pintor mais delicado,
mais rico de cores, mais subtil nas minudencias do desenho e mais imaginoso e exacto na idealisação e na execução d'esse *recife de coral* pudesse dar-me a impressão viva, palpitante, flagrante que me dá o admiravel soneto de Heredia.

Côr, luz, som, movimento, tudo possui, tudo elle me transmittit por um inexplicavel milagre da arte do verso. Ficou-me na retina da memoria, inobliteravel, aquelle grande peixe de escamas de ouro, *navegando* indolentemente na sombra transparente da agua tranquilla, entre os ramos de coral, e sinto ferir-me os olhos, nitidamente, as rutillações de ouro, de nacar e de esmeralda que elle acende no cristal azul, immovel, como apagado, com uma rabanada da sua barbatana em fogo.

Maravilhoso poema—este soneto!

No *Viell Orfèvre*, Heredia fez a sua profissão de fé artistica: é o seu *Credo* poetico.

Ougamol-o:

LE VIEIL ORFÈVRE

Mieux qu'aucun maître inscrit au livre de maîtrise,
Qu'il ait nom Ruyz, Arphé, Ximeniz, Bacerril,
J'ai serti le rubis, la perle et le béril,
Tordu l'anse d'un vase et martelé sa frise.

Dans l'argent, sur l'email ou le paillon s'irise
J'ai peint et j'ai sculpté, mettant l'âme en péril,
Au lieu de Christ en croix ou du Saint sur le grill,
O honte! Bicchus ivre ou Danaé surprise.

J'ai de plus d'un es'oc damasquiné le fer,
Et, dans le vain orgueil de ces œuvres d'Enfer,
Aventuré ma part de l'éternelle Vie.

Aussi, voyant moi âgé incliner vers le soir,
Je veux, ainsi que fit Fray Juan de Ségovie,
Mourir en ciselant dans l'or un ostensor.

Sublime artista! Considero-me feliz porque posso comprehender o seu immortal poemazinho, porque sinto a delicia inenarravel da purissima aspiração que lhe faz invejar a morte do velho frade hespanhol:

«Explicar exculpando em ouro uma custodia»,

—quer dizer: um soneto, um dos seus sonetos perfectos, imperciveis, consoladores como todos os prodigios da arte.

Comprehendo o grande poeta, e sinto-me feliz, comprehendo-o.

Oh! quantas, quantas vezes não tem perturbado o meu socego e enfebrecido o meu cerebro, o ideal absorvente e bendito, o ideal delicioso e barbaro, de gastar a mocidade e a vida trabalhando o ouro da bella lingua que falo, lavrando a phrase, embutindo a imagem, polindo

e repolindo a expressão, concertando o rythmo, engastando a idéa, escrevendo, enfim, escrevendo livros em que deixasse com o meu nome às letras da minha patria todas as minhas alegrias e todas as minhas dores, toda esta existencia que seria votada à religião do Pensamento e ao culto sacratissimo da Forma, se eu não fosse nascido num paiz de politicos, de burocratas e de escravos! num paiz em que a penna é o mais desconsiderado e o menos productivo dos instrumentos de trabalho.

Valha-nos, ao menos, a consolação ineffavel de nos deliciar-nos com as obras primas que a Litteratura franceza doa ao mundo, e que, como os sonetos de José Maria de Heredia, são eternos como o bronze e os astros.

VALENTIM MAGALHAES

O VOLAPÛK

Os especialistas são de opinião que constituindo a linguagem articulada um producto espontaneo, inconsciente da actividade humana, torna-se inutil toda e qualquer tentativa no sentido de universalisar uma das linguas existentes, ou de crear um systema de symbolos phonicos, capaz de supportar todas as resistencias physo-sinergeticas dos povos conhecidos, — uma lingua enfim que possa, não só satisfazer as tendencias do chinês, como do inglez e do hespanhol.

Essa opinião encontrava ampla justificação no malogro de tantas tentativas até hoje feitas para dotar a humanidade com um orgão de communicação commum. Não ha quem ignore o que neste sentido realisaram Leibnitz, Wilkins, Bachmeier e outros. Diversos congressos se tem reunido para resolver essa questão; mas pena é dizer que nem os esforços collectivos dos sabios mais competentes chegaram a um resultado definitivo. E porque?

Responde o Sr. Aug. Kerckoffs, professor da *Escola dos estudos superiores commerciaes*, de Constança (*) que pela razão mui simples de que esses propagandistas não prestaram attenção ao lado pratico da questão, e «ou construíram systemas pasigraphicos, unicamente comprehensíveis por meio da leitura, ou então linguas somente accessiveis a intelligencias de primeira ordem.»

Estas difficuldades, parece entretanto, dando credito ao referido professor, que foram afinal vencidas pelo eminente polyglotta Seleyer, depois de um profundo estudo de 29 annos.

O Volapük surge, portanto, do cerebro de um sabio moderno como Minerva do cerebro de Jupiter.

Vejamos as suas crelencias, e se ha fundamento em acreditar que d'esta vez a lingua universal se vai tornar em facto, dando lugar à creação de tantas cadeiras de Volapük, à imitação da do Sr. Kerckoffs, em Constança, quantos collegios e escolas existirem espalhadas pelo globo.

Seleyer começou por tomar como base de seu trabalho certos caracteristicos dos diferentes idiomas da Europa, excluindo as difficuldades de pronuncia que interessam ao inglez, ao francez e à maior parte das linguas slavas; simplifcou a pronuncia e limitou as combinações grammaticas ao nucleo commum de todas essas linguas; quanto

à accentuação, tão difficil de sustentar de lingua para lingua, elle cortou o nó gordio adoptando a franceza, no que, a meu ver, andou com o maximo criterio; pois que neste ponto conciliou o selvagem com o civilizado. É sabido que o tupy, bem como a maior parte das linguas americanas, não soffrem o accento senão na ultima syllaba (*).

No que respeita à construcção ainda o sabio linguista aproximou uma das linguas mais cultas da Europa, das linguas rudes da America e da Africa, — pela construcção directa.

Na parte morphologica a simplificação chega a seu auge.

Supprimem-se os generos artificiaes; os adjectivos são invariaveis como no inglez; um só paradigma para a conjugação dos verbos.

Nada mais logico, simples e bonito; e o professor alludido chega a garantir que para quem esteja familiarizado com as linguas romanas não será necessario mais de um mez para aprender o Volapük com auxilio do dictionario de Seleyer e de qualquer uma das grammaticas que não sido publicadas na Allemanha.

Desde que manuseei a grammatica de Kerckoffs convenci-me da possibilidade da propagação, e considerei-me logo fervoroso adherente da nova lingua.

Não obstante, não pequenas divergencias surgiram-me no espirito no momento em que fui obrigado a pensar em uma tendencia, que se accentua, cada vez mais, nas linguas do Occidente, e que não foi perfectamente estudada no Volapük.

Refiro-me à tendencia analytical d'essas linguas.

Pois bem, Seleyer, apesar de ter inventado uma lingua tão analytical como as que mais o são presentemente, cedendo talvez a preconceitos de escola, deixou de dar ao Volapük toda aquella elasticidade, de que dependerá talvez, não digo a sua acceptação, mas a sua conservação no mundo civilizado.

ARARIPE JUNIOR.

(Continúa).

(*) Baptista Caetano, *Estudo sobre o abanhangua*.

A VIDA ELEGANTE

O nosso illustre collega da *Gazeta de Noticias*, Dr. Ferreira de Araujo offereceu no sabbado passado aos seus amigos uma lindissima festa. Começou pela representação de uma comedia traduzida do allemão pelo nosso collega e desempenhada por crianças com muito chic e desembaraço. Em seguida foi dançar quem quiz e ceiar quem tinha appetite.

Usamos d'esta expressão porque não havia propriamente ceia, mas sim mesinhas espalhadas na sala do buffet—que era completo—, onde a gente sentava-se e fazia-se servir pelos criados d'aquillo que mais lhe appetecia no menu, elegantemente impresso.

Um serviço de primeira ordem, feito com muito gosto e um grande tic de originalidade.

O baile que em grande parte era formado por crianças phantasmadas, correu animadissimo, terminando por um cotillon soberbo, (terminando e um modo de dizer porque o cotillon durou tres horas, que foi dirigido com extrema gentileza e habilidade pelo Dr. Sizenando Nabuco.

Uma festa principesca.

(*) *La langue commerciale universelle*, pag. 8.

Deslumbrantes, phantasticas donzelas pelos salões vagavam par a par. Esta era loira, aquella de olhos negros e cabellos tão negros como os olhos; era a Noite e a outra era a Folia. Ora uma Borboleta, as azas de ouro abrindo, caminhava sorridente; ora era uma Minerva que segnia entre duas formosas Vivandeiras, uma Minerva linda, encantadora; a Musica passava espalhando hymnos; lá se viam uma rica Pernamba e uma irrequieta Jardineira; e, finalmente, a Ramalheteira mais *chac* e mais alegre d'este mundo, rescendia naquella Paraíso.

Um Torcaador, um Hespanhol, um Figaro, um *Clava*, um Pierrot Japoncz e um Donna lor de léras eram o perfeito contraste de toda aquella multidão que me arrebatava no Club do Engenho Velho, segunda terra à noite, no baile á fantasia que esta sociedade realizou com todo o brillantismo que era de esperar.

Ea, que lá estive mettido na minha fantasia, de todos desconhecendo, so tenho palavras de louvor para dirigir á digna directoria do Club do Engenho Velho, que se eleva dia a dia, procurando os mais agradaveis divertimentos para os seus socios e convidados e trazendo aos seus salões pessoas da nossa mais selecta sociedade.

A *Semana* agradece ao Club do Engenho Velho o convite que lhe foi enviado.

Tivemos um convite para baile á fantasia de sabbado do Congresso Gymnastico Portuguez e por isso passámos alguns momentos de satisfação nos salões d'esta conhecida sociedade, apreciando elegantes fantasias e espirituosos fantasmatos, que em grande numero abrilhantavam uma magnifica festa, que por muito tempo decerto sera lembrada.

As danças terminaram pela maltrugada, despedindo-se todos bastante saudosos do baile do Congresso.

Nos, não só agradecemos o convite em riquissimo cartão que nos mandaram, como também declaramos que saímos bastante penhorados pela delicada recepção que nos fizeram e pela gentileza com que fomos tractados.

LORGNON

BELLAS ARTES

SALÃO VIEITAS

Logo á entrada, não sei se por acaso ou se por premeditação, vê-se sobre uma columna de marmore negro um busto em bronze, cinzelado por Bernadelli.

É o retrato da fallecida esposa de Luiz Guimarães Junior.

Nada posso dizer da copia, da semelhança do retrato. Na producção, na parte que importa directamente ao esculptor e que se chama—expressão e *ostylo*—encontro tudo que se pôde exigir: anatomia, movimento e corte. Aquella doce phisionomia, a maneira graciosa de pousar a cabeça; os secos cabellos amarelados; o meigo olhar contemplativo que o artista tão bem conseguiu esculpir e espiritualisar no bronze, deviam ser peculiares á bem amada do poeta. O idolo do auctor dos *Corymbos* me parece aquelle que ali vejo:—alma seduzida pelo esplendor das finas pedrarias das estrophes; creatura boa, apaixonada e carinhosa, em cujo olhar o sonhador esposo aspirava o languesciente aroma das illuções.

Isto conseguiu Bernadelli no bronze. Porém quanto não teria conseguido no marmore? A mão nervosa e segura de um artista pôde arrancar da massa rebelde e sonora do bronze as peregrinas formas de Venus, mas que lucta obscura e persistente não é precisa para isso conseguir! O modelado macio, a pureza das linhas nas formas femininas, surgem mais rapidas e mais bellas no marmore.

O bloco ao principio rujo, é depois de talhado leve, quasi que sensível. Do bronze, sugeito ao poder de um artista surge o heroe. É d'esse metal, em cujo resistente corpo o cinzel, acerta golpe de martello, tira uma nota aguda ou profunda, como destaca os sons de uma symphonia marcial, que se devem fazer as estatuas dos gigantes, a luz figura dos guerreiros. Mas o marmore e a pedra obrigada do esculptor.

Notae com attenção, notae com olhar de artista como a luz mais voluptuosamente se derrama sobre o marmore. Quanta solução não ha na palidez das pedras de Carrara! Quanta transparencia num simples bloco donde surgem, como maravilhas, as pudibundas formas das Graças, de Cupova; o dorso macio e quente da deusa, de Mêlicis!

Creio, e ninguém me arreia d'esta crenga, que se o busto da esposa de Guimarães Junior fosse cinzelado em marmore, a expressão melhor seria. Não obstante este meu modo de pensar e ver, reconheço nesse trabalho de Bernadelli todas as qualidades que formam uma obra esplendida.

Decio Villares, depois de uma ausencia de dois ou tres annos, expõe isto quadros. Excepção feita de dois pequenos estatuas retratos os seus quadros são visões subteis durante um sonno de embriaguez de opio. Pobres creaturas! A vossa vida é ephemera, vaga inutil como um globo de escuma!

Hoje sois uma visão vaporosa, uma chimera de idealista; amanhã sereis apenas agua, talvez nada! Miseras nevoas!

Anoedo expõe um retrato, feito em Paris. É um pequeno quadro admiravelmente pintado. O Silva Pinto, o retratado, é um guapo mancebo de vinte e tantos annos, elegante, e muito commodamente assentado sobre o divan de pelucia *gréat* de uma sala de espera. O quadro não apresenta pretensões de empastelamento, nem é corrido, escovado, massador. Observa-se convicção na maneira de fazer. A tinta é posta ao primeiro golpe, de sorte que os tons ficam simples e seguros; e, no entanto, tudo é tocado com o maior cuidado, tudo é observado com minuciosidade. Recommendo este trabalho aos nossos artistas.

A Exma. Sra. A. de Andrade nos apresenta uma—*mesa de compras*—estudo *d'après nature* executado com muito talento e observação: Sobre a mesa de pinho está o samburá ou le uma posta de carne-verde se ostenta prometendo lora de succulentos *roas-beffs* como se fosse um trophée erguido á Physiologia do Gosto de Brillat Savarin; em torno do samburá: frescos legumes de um verde vivo, uma gorda gallinha pi sacrificada á panella, formam o appetitoso contingente de um jantar, cujo successo seria cauto em sextilhas e sonetos pelos discipulos de Muger. A Exma. Sra. Andrade mostra-se de um espirito superior, e lucado á modernidade, tomamlo para assumpto do seu quadro essa abundante mesa de cozinha.

Provavelmente da cozinha da bella habitação de V. Ex. Oh! V. Ex. é muito feliz!...

Castagnetto, sempre activo e sempre sincero nas suas impressões, nos apresenta tres marinhas que muito recommendam o seu nome.

SALÃO DE WILDT

Estudos de payzagem pelo Sr. Ribeiro, um discipulo apaixonado do G. Grimm. É preciso que o joven payzagista abandone a maneira do mestre e trabalhe para ser pessoal. Por enquanto na lá mais lhe poderei dizer.

Triller expoz dois estudos da natureza brasileira que me darão assumpto para o proximo sabbado. Preciso meo conversar com ella um tempo.

ALFREDO PAHETA

SPORT

Realizam-se amanhã no Prado Villa Izabel corridas importantes, constando de pareos to los elles compostos de bons animaes e mais ou menos conhecidos.

Chamamos a attenção dos ama lores para a nossa ultima pagina, onde encontrarão o esplendido programma. Esperamos grande concurrencia e felicidade na execução do mesmo.

Tenho sido muito felizes os palpites que lemos para a corrida passada, findos n'isso emittimos os seguintes para amanhã: No 1º pareo *Savana*; no 2º pareo *Agnoré*; no 3º pareo *Curubaiá*; no 4º pareo *Macaró*; no 5º pareo *Bolivar*; no 6º pareo *Guanaço*; no 7º pareo *Savana*.

L. M. BASTOS.

THEATROS

Nesta semana não houve nenhuma novidade theatral porque os theatros estiveram em preparativos afin de receber os folios carnavalescos.

No Lucinda continua o *Bilontra*.

A 16, segundo o que se propala e anuncia, dará este theatro uma recita em beneficio do maestro Cardim.

Com a *Fé, Esperança e Caridade* e a comedia *A senhora está deitada*, fez beneficio no Recreio Dramatico o actor Teixeira.

Brevemente dar-nos ha o Dias Braga, o decantado *Principe Zilah*.

O corajoso Capitão Martinez, cujo arrojo tem boqui-aberto todo este agricola Imperio, subindo aos ares a fazer diabruras de gymnastica, como quem está resolvido a trazer lá das alturas um farrapo de nimbus ou uma tira pratica de cumulus, para enchugar os suores frios que a sua coragem faz verter nos seus espectadores, este heroe mais cheto de valentia talvez, do que os antigos campeoes mata-mouros, está a construir um novo balão de dous mil e trescentos metros cubicos de

capacidade a que elle dará por baptismo o nome de *Rio de Janeiro*, em honra à cidade onde começou tão caipora e onde acabou por obter mais justo e ruidoso successo.

Profaças e agradecimentos sem conta ao assaz corajoso aeronauta!

Effectuar-se-ha, hoje, no Sant'Anna a primeira da nova opereta de Arthur Azevedo—*A Donzella Theodora*, cuja musica, que é original do Dr. Ablon Milanez, vai, de certo, agradar muitissimo ao nosso publico, a julgar pelos poucos trechos que tivemos a dita de ouvir anticipadamente.

É um novo maestro que surge, e que merece ser bem acolhido, pois tem talento e aptidões musicas.

P. TALMA.

CONTOS A PREMIO

Está encerrado o prazo de recebimento dos contos.

Foram em numero de 24.

Os ultimos recebidos foram os dos Srs. Amileu Xarpot, Tie-Tac, Carlos Magno, Coronel Marrison, Rodolpho Corrêa e L. A.

Estão nomeados para julgar lores dos contos do nosso certamen os Srs. Aluizio Azevedo, Raul Pompeia e Araripe Junior.

COPRE DAS GRAÇAS

Vieram annunciar a Alexandre Dumas que havia morrido o Sr. de Baour Lormian.

— Ainda!? — exclamou Dumas.

Na secção paga do *Diario Popular*, de S. Paulo, em um dos ultimos numeros encontrámos a seguinte publicação:

MALVADEZ

Sob esta epigrapha noticiaram o *Diario Popular* e *Provincia de S. Paulo* o facto de ter eu untado com kerosene dous cachorros, deitando-lhe depois fogo, etc.

O facto, que é real, é de si tão barbaro que eu me julgo incapaz de o praticar, accrescendo que á hora em que elle deu-se não estava em minha casa, como posso provar.

Não sei de onde nasceu tal boato, nem como se me fez cargo dessa malvadez, contra a qual protesto, por serem outros os meus sentimentos humanitários.

Espero que os que leram aquella noticia e esta reclamação me farão justiça.

S. Paulo, 9 de Fevereiro de 1883.

ANTONIO FERNANDES PIRES.

Impagavel este Pires!

Declara que o facto de haver elle untado de Kerosene dous cachorros e de os haver acendido depois é real, mas que é «de si tão barbaro que elle não se julga capaz de o praticar» e depois que «não sabe de onde partio tal boato. A vista d'isso somos forçados a crer que quem matou os cães não foi o Pires; foi o Baeta.

BIBIANO

JORNAES E REVISTAS

Importantissimo o n. 8 da *Chronica Franco-Brazileira* que se publica em Paris sob a direcção do Dr. Lopes Trovão, o nosso estimado e saudoso collega.

O artigo principal, por elle escripto, a proposito da Sociedade Internacional de Istos los Brasileiros, de cuja recente fundação demos noticia, é verdadeiramente notavel. Diz sem rebuço nem temores toda a verdade acerca do papel que representam os brasileiros em Paris e do modo porque ali se conduzem, e bem assim da conta em que são tidos pela imprensa franceza. Na impossibilidade, que lamentamos, de transcrever todo esse brilhante e vigoroso trabalho, damos d'elle em seguida alguns extractos:

«Dous são os grupos principaes em que se divide a colonia brazileira em Paris: — grupo fixo e grupo fluctuante — Este fracciona-se em estuudiosos que trouxeram por fim se especializar n'um ramo scientifico ou artistico, em representantes do commercio encarregados temporariamente de qualquer transacção, em doctores que vieram se tratar com professores de nome e em indivíduos que reservaram uma certa somma das suas economias expressamente para visitarem a grande cidade e proverem os prazeres de todos os generos que ella proliga a todas as bolsas, a todos os gostos, a todos os temperamentos. — Aquelle decompõe-se em desventurados que se arruinaram no luxo e no jogo e que vergonhosos de irem na patria ostentar o espectáculo da propria decadencia aqui vivem de expedientes licitos ou illicitos, em commissarios de negocios por via de regra de pequena monta, em estuantes que visam o obtinimento de uma profissão liberal e em capitalistas que digerem por diversos modos as suas rendas. Em torno d'estes dous grupos e communicando-se com ambos elles, gravitam os correspondentes e os ex-correspondentes do nosso jornalismo, os quaes mais ou menos honestamente, menos ou mais independentemente, conforme o caracter de cada um, tiram da propria penna os recursos de subsistencia.

«Releva, porém, accentuar que, apesar de agrupados — estes pela identidade de mister, — aquelles pela determinação assentada de se domiciliarem aqui, — aquell'outros pela intenção executiva de regressarem á patria, nos, encellados nas nossas preoccupações agraveis ou penosas, formamos uma massa de população desconnexa, heterogenea, onde do desconhecimento mais radical da noção grandiosa de solidariedade nacional resultou a autonomia de classes e d'esta antagonismo individual.

«Em que pezo a quem pezo, a verdade é esta: os brasileiros, em Paris, evitam-se cavilosamente. Quando o pobre procura o rico é para lhe supplicar uma assistencia que nem sempre consegue. Se o rico se dirige ao pobre que nunca o occupou é para lhe enviar convites de... enterra. Muitos ha que se encontrando quotidianamente no mesmo sitio chegam mesmo a não se comprimentarem, não obstante se conhecerem sobejamente. Como que em todos elles predomina o proposito de não parecerem compatriotas.

«De resto, somos o typo d'estrangeiro que, em Paris, mais depressa e facilmente se desnacionaliza: per lemos

(*) O *Gil Braz* definiu as recepções brazileiras em Paris nas seguintes palavras: *Recepção brazileira — Chô, alguns biscoitos e muita intriga.*

todas as nossas francas expansões indígenas sem adquirirmos a fina discricção-lo francez bem educado. A força de pretendermos nos tornar distinctos, fazemo-nos ridiculos pela affectação dos gestos e das attitudes, pelo artificio das maneiras e das expressões, pela exaggeração posta n'uns trajas dentro dos quaes nos sentimos como uma criança escoliotica entre os arrochos de um collete orthopedico. Quando attingimos a este gráu de metamorphose... não supportamos mais a leitura dos jornaes do nosso paiz, achamos que falta á nossa lingua opulentissima uma certa ductilidade para se aaptar ás subtilizas do pensamento moderno e tufanos o labio um sorriso acilulado de piedosa ironia sempre que ouvimos invocar nome celebre de um brazileiro na sciencia, nas letras, nas artes, na politica.

«Ha, porém, um ponto que, com acirrar as nossas rivalidades pessoas, não deixa, entretanto, de denunciar a nossa comunidade ethnologica: é a presumpção de *fazer figura*. Esta concisa expressão, já hoje consagrada no «codigo do chic», quer dizer: ostentar grandeza, fazendo valer titulos nobiliarios que nem todos temos e apparentando habitos dispendiosos que so podem ser mantidos por aquelles que vivem nas abastanças da fortuna. Pois bem: a custo de tanto praticarmos estas duas condições indispensaveis para *fazer figura*... chegamos á perfeição de as transformar na mais forte impulsão emotiva da nossa personalidade moral, contra a qual nem mesmo a modestia de condição de uns e a seriedade de posição de outros podem mais offerrecer resistencias.»

No artigo *Opinião da imprensa sobre a Chronica Franco Brazileira* Lopes Trovão, agradecendo os numerosos elogios que á sua folha têm sido feitos pela imprensa franceza, hespanhola, portugueza e brazileira, diz que apesar disso e contrastando com isso — nem os correligionarios, nem os amigos, aos quaes remetten a *Chronica*, lhe têm dispensado auxilio, que aliás prometteram e que «nas listas de assignantes vindas do Brazil aquelles correligionarios e amigos figuram numa proporção deploravelmente abaixo de minima.»

Duas causas podemos apontar a esse triste facto que somos os primeiros a lamentar; e são estas: a) *A Chronica* é um jornal sério, honesto, patriotico; b) *A Chronica* não tem feito rufar os tambores da *réclame*. Pornographia e *potada*; com estes dous elementos viveria aqui vida folgada e milagrosa.

M. VALENTE

RECEITAS CULINARIAS

PALMITO À FERREIRA DE ARAUJO

Faça-se ferver em caldo, a parte tenra de dois ou tres palmitos, friture-se-os, e deixe-se escorrer em um panno.

— Tire-se de uma terrina de *foie gras truffé*, de Strasburgo, a gordura (encontram-se estas conservas em casa da Viuva Henri) faça-se frigar nesta gordura o figado, o coração, os miollos, a moella e o sangue de um frango. Frigido isto, tire-se do fogo e pique-se miu linho, depois de se ter já addicionado o *foie gras* de que foi retirada a gordura. Misture-se tudo isto com o palmito, ajun-

tando-se-lhe dois ovos crus — duas ou quatro colheres de sopa de pão ralado, tempere-se e faça-se ligar bem toda esta massa, introduza-se este recheio no ventre do frango, cerque-se este de tiras de toucinho inglês, ponha-se no forno e de vez em quando, com a garfura que está depositada no fundo da cacarola reguese o frango, tire-se este do forno, retire-se-lhe o toucinho e para verificar se está no seu ponto enterre-se nas suas partes mais carnudas um garfo: se sair sangue, deve voltar ao forno e se sair um liquido claro e transparente, pode ser posto na mesa; e mais mala.

Com certeza não é este o modo mais simples de comer palmito, mas crede, caríssimos leitores que também não é o peor

CABRION.

Resposta ao Sr. K. Z. (Porto Alegre) se for mulher, vinho de Santa Cruz de Tenerife (Canarias); se for homem— Xerez secco.

C

RECEBEMOS

— Da « Agencia Commercial Portugueza » (de Laureço Marques de Almeida) os 3 primeiros fascículos d'os *heróis do trabalho*, obra importantíssima de biographia e historia, de Gastão Tissandier, vertida livremente e muito augmentada pelo professor Ricardo Jorge. Cada fascículo vem acompanhado de uma nitida e bem elegante gravura, fora do texto; e:

— *Guia portatil do viajante em Portugal*, e itinerarios descriptivos, historicos e artisticos das viagens circulatorias em Hespanha e França, 274 paginas, com uma excellente carta-roteiro, gravada a quatro cores. Prece-nos não deixar coisa nenhuma a desajar, e por isso o recomendamos aos Srs. viajantes.

— *A luz electrica*, por Thomaz Satter de Souza; Editor David Corazzi.

— *O Cherubim*, dedicado ao bello sexo (ai! gentes!); ns. 24 e 25 traz este um bello soneto medito de Luiz Dellino.

— *Le Sud-Americain*, 2º anno, n. 31. Bom, como sempre.

— *O Beija-flôr*, n. 4; passarinho... quero dizer, jornal tambem do bello sexo. Nisto mesmo está o seu elogio; por isso nada mais acrescento.

— *1 Distração*, ns. 72 e 73. Traz e-te finas gravuras, muito bem acabadas, feitas no atelier artistico do Sr. Paulo Rubin.

— *Extremosa*, polka para piano, pelo Sr. Viriato Teixeira da Rocha, auctor de celebre *Quero chorar mas não posso*. As composições do Sr. Viriato distinguem-se sempre pela sua *dansabilidade e dão pancas* nos bailes.

— *O Mequetrefe*, n. 400. Na primeira pagina o retrato do mallogrado engenheiro Luiz Caminho I; na ultima o incidente Poli; um burro a metter as botas (os senhores bem sabem quaes são as botas dos burros) no pobre Brazil, e por baixo do desenha estas quadrinhas:

« Septipatha Dulcamara,
Porco, mundo charlatão,
Não te quebramos a cara,
Pra não sujarmos a mão.

Mas ora adeus! acabou-se!
Razão pra zangas não ha:
Recebamos este couce
Conforme a besta que o dá. »

— *Revista do Retiro Literario Portuguez*; anno IV, n. 41 e 42. Muito interes ante.

— *O 28 de Novembro*, n. 6; orgão da commissão eleita no comicio popular de Guimarães para tratar de desanexar aquella cidade do districto de Braga e anexal-a ao

do Porto: questão que traz num roda viva bracaraenses e vimaranenses e que deu pretexto a ultima mudança de gabinete.

— *O Americano*, anno I, n. 1, publicação sem anal. Traz o retrato do Duque de Caxias. Do seu artigo—programma:

« Vimos hoje tomar logar entre os batalhões da imprensa. Não nos movem paixões partidarias; não elevamos uma bandeira de combate politico.

O titulo d'esta folha é um programma completo: na imprensa será o que na vida dos povos é o *quaker*—o trabalhador. »
Seja bem vindo e viva longa e folgadamente.

— *Estadantona*, anno I n. 9. Pequeno jornal, publicado em Padua, impresso em papel vermelho e azul, todo cecio e festivo, em homenagem ao 3º anniversario da Villa de Santo Antonio de Padua.

— *Revista de engenharia*, anno 89, n. 132. E' já ocioso recomendar esta publicação tão brilhantemente dirigida pelo Dr. Jose Americo dos Santos.

— *Indicador Santista*, 3º anno; fundado por Arthur Bastos, Adalberto Lima e Jorge Behu, organizado por Vicente de Carvalho e Adalberto Lima, proprietario d'este senhor e Anthero Moura.

Traz um fino retrato de Arthur Bastos. Tem 300 paginas, uma boa parte litteraria, variada e escolhida, e quantas indicações uteis se desejem de Santos.

Desejamos a esta excellente publicação o exito a que tem direito.

— *A Semana*, do Porto, anno I, n. 6; director Alberto Besa. Amena e variada leitura.

— *Echo das damas*, n. 10. *Prazer* das damas devia chamar-se o interessante periodico de D. Amélia C. da S. Couto.

TRATOS Á BOLA

Mais vale tarde que nunca.

E' fido neste proverbio assaz conhecido, que me animo a apresentar-me de novo, mais tansurado que nunca, aos meus caros devotos. Não penses, porém que é instigado pelos vossos bellos olhos, o meus amaveis marmaljos, que sorjo do toco; não. O que me leva a lancar mão da penna, para cumprir o sagrado dever de sarrabiscar por aqui abaixo estas mal tracadas linhas, é o desejo enorme que me anda a pruir o coração, como um enpin d'aminho o cerne de um tronco frondoso, de erguer a minha debil voz ante as encantadoras leitoras que se dão ao trabalho de dar tratos á bola.

Ai! que se não fossem as leitoras, vocês não me pilhavam, não, mas é o mesmo! La tratar, sim, mas era de fazer os meus jejuns e de resar os meus padre—nossos.

Demais a mais houve uma benemerita tratista que se lembrou de dirigir uma deliciosa epistola cá ao *déas*, p'ello a continuação da *tratologia*. E de tres *não-me-dêres* recheiou a sua cartinha, que, se lhe não fizesse a vontade, não faria senão provar á face do mundo que não tenho entranhas, ou que sou possuidor de uns bofes de tigre! Lonje vá o agouro! Então quem!? Eu, que para derreter-me todo em lamurias diante de um qualquer anjo terrestre não preciso se não do tempo necessario para dizer-se: *agua vai*.

Dado este cavaco, que já não é nada curto, passo sem mais tir-te nem guarte, aos mysterios da logographice; começarei por este logographo da Sra. D. Josephina B.

LOGOGRAPHO

(Por syllabas)

A quarta com a primeira
E' um querido arrabalde,
Mas repetindo a terceira
E' tolo em qualquer idade,

A primeira com a quarta
E' pra pedra, ou do sapato,
Porém terceira com quarta
E' mui redonda: isto é facto.

Juntai prima com segunda
E' nossa preposição;
Mas segunda apos primeira
E' jogo de occasião.

Tudo qu'ato eu disse em cima
E' a mais pura verdade;
Sou pequena narradora
D'algunha moraldade.

ANTIGA

Em aperto é o que diz o bilontra,—2
E' verbo do prazer,—2
Da ignorancia é o contra.

NOVISSIMAS

2—2—Este homem, não tem a grossura desta mulher.

—1—2—2— Este adverbio aceso, seria uma mulher da Biblia se mudasse de genero este edificio antigo.

—1—2—1— No tribunal não nega não adoece o que é do jornal.

QUEBRA-CABEÇAS

Nantes, Bahia, Trindade, Tavira, Elvas, Sapopemba, Malta, Urandia, Almodovar, Alcaer.

Formar com estes nomes, postos em columna, um sobrenome.

Terminando, peço aos meus illustres tratistas que me conjuntem com a sua valiosa collaboração. Terei infinito prazer e ficarei eternamente grato (além de recomendar-lo a Deus nas minhas orações, áquelle que me enviou boas charlas e melhores logographos e tudo o mais concernente a esta espede de distracção.

Estão reservados uns premios succulentos aos 2 primeiros decifradores. E até mais ver.

FR. ANTONIO

ANNUNCIOS

JONGO

dos pretos sexagenarios da revista

A MULHER-HOMEM

POR

HENRIQUE DE MAGALHÃES

A' venda na Confeitaria Castellões e no escriptorio d'A Semana,

POR

1\$500

João Baptista A. Marques

ADVOGADO

RUA DA QUITANDA N. 34

PRADO VILLA-ISABEL

PROGRAMMA GERAL

PARA A

TERCEIRA CORRIDA A EFFECTUAR-SE DOMINGO 14 DE MARÇO DE 1886

Primeiro parco — CONCILIAÇÃO — 1.000 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios 200\$ ao primeiro e 60\$ ao segundo

N.º	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIOS
1	Zaire.....	Gateado.....	4 annos	Paraná.....	53 kilos	Azul e amarello.....	J. C.
2	Buchinha.....	Castanho.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Vermelho.....	Coud. Ypiranga.
3	Verbena.....	Castanho.....	3 »	R. de Janeiro.....	49 »	Ouro e facha.....	Coudelaria S. Cruz.
4	Didi.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Encarnado e azul.....	Carlos Coutinho.
5	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	56 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Tching-Tching-Buug..	Alazão.....	5 »	R. G. do Sul.....	55 »	Ouro e encarnado.....	D. A.
7	Savana.....	Castanho.....	4 »	R. G. do Sul.....	51 »	Ouro e cinza.....	F. G.
8	Guacho.....	Chita.....	2 »	Idem.....	45 »	Preto e branco e bonet azul	A. M.

Segundo parco — ANIMAÇÃO — 1.000 metros — Inteiros e eguas nacionaes até meio sangue — Premios 300\$ ao primeiro e 80\$ ao segundo

1	Aurora.....	Alazão.....	3 annos	S. Paulo.....	45 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Bonita.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Ouro.....	José Machado.
3	Catita.....	Castanho.....	2 »	R. de Janeiro.....	44 »	Azul.....	Freitas Guimarães.
4	Aymoré.....	Castanho.....	5 »	S. Paulo.....	56 »	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
5	Alteza.....	Libuno.....	5 »	Idem.....	56 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Aurelia.....	Alazão.....	3 »	R. de Janeiro.....	51 »	Azul e grénat.....	Antonio E. de Oliveir.

Terceiro parco — INTERNACIONAL — 1.000 metros — Animaes estrangeiros até puro sangue — Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

1	Garibaldi.....	Alizão.....	6 annos	Rio da Prata.....	53 kilos	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes
2	Françoise.....	Alazão.....	4 »	França.....	55 »	Idem, idem.....	Idem.
3	Curubaia.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra.....	61 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.
4	Sornette.....	Zaino.....	4 »	França.....	55 »	Grenat e azul.....	Coudelaria Paraiza.

Quarto parco — METROPOLITANO — 1.609 metros — Inteiros e eguas nacionaes — Premios: 600\$ ao primeiro e 150\$ ao segundo

1	Macaréo.....	Alazão.....	4 annos	S. Paulo.....	51 kilos	Ouro e facha.....	Cou l. Santa Cruz.
2	Guanaco.....	Alazão.....	7 »	Paraná.....	56 »	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
3	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.....	50 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Sans Souci.....	Castanho.....	5 »	Minas Geraes.....	54 »	Azul e grénat.....	H. O.

Quinto parco — OMNIBUS — 1.609 metros — Inteiros e eguas de todos os paizes — Premios: 800\$ ao primeiro e 300\$ ao segundo

1	Bolivar.....	Zaino.....	6 annos	França.....	61 kilos	Azul e ouro.....	Coudelaria Alliança.
2	Guribaldi.....	Alazão.....	6 »	Rio da Prata.....	55 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes
3	Françoise.....	Alazão.....	4 »	França.....	52 »	Idem.....	Idem.
4	Curubaia.....	Zaino.....	5 »	Inglaterra.....	55 »	Preto e encarnado.....	D. F. P.

Sexto parco — VILLA-ISABEL — 1.300 metros — Inteiros e eguas nacionaes de meio sangue — Premios: 400\$ ao primeiro e 100\$ ao segundo

1	Guanaco.....	Alazão.....	7 annos	Paraná.....	54 kilos	Vermelho.....	Coudelaria Ypiranga.
2	Aurora.....	Alazão.....	3 »	S. Paulo.....	46 »	Idem.....	Idem idem.
3	Biscuia.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	46 »	Ouro e facha.....	Coud. Santa Cruz.
4	Bonita.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	49 »	Idem.....	José Machado.
5	Druid.....	Tordilho.....	3 »	R. de Janeiro.....	50 »	Encarnado e preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
6	Africa.....	Preto.....	7 »	Paraná.....	52 »	Encarnado e branco.....	L. V.
7	Bitter.....	Preto.....	4 »	S. Paulo.....	51 »	Azul e grénat.....	H. O.
8	Nicoafi.....	Castanho.....	3 »	Paraná.....	48 »	Ouro e encarnado.....	J. & P.
9	Vampa.....	Castanho.....	3 »	Rio Grande.....	48 »	Grenat e azul.....	Coudelaria Paraizo.

Setimo parco — CRIADORES — 1.609 metros — Animaes de menos de meio sangue — Premios: 250\$ ao primeiro e 70\$ ao segundo

1	Zaire.....	Gateado.....	4 annos	Paraná.....	51 kilos	Azul e amarello.....	J. C.
2	Didi.....	Pampa.....	3 »	S. Paulo.....	46 »	Encarnado e bonet azul....	Carlos Coutinho.
3	Eucharis.....	Tordilho.....	5 »	Paraná.....	54 »	Dito idem preto.....	Oliv. Junior & Lopes.
4	Sirodio.....	Castanho.....	5 »	R. Grande.....	54 »	Ouro e encarnado.....	J. G.
5	Savana.....	Castanho.....	4 »	Idem.....	51 »	Cinza e ouro.....	F. G.
6	Sultão.....	Libuno.....	3 »	Idem.....	48 »	Branco, preto e encarnado.	Major Fridolin.

OBSERVAÇÕES — Roga-se aos Srs. proprietarios o obsequio de terem os animaes inscriptos no 1º parco, as 11 horas precisas no ensilhamento.

RAUL DE CARVALHO, 2º secretario.